



1902 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

A IMAGEM DO(A) NEGRO(A) NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, LÍNGUA PORTUGUESA - AMOSTRA 2017
Rozana Teixeira - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE CAXAMBU

A IMAGEM DO(A) NEGRO(A) NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, LÍNGUA PORTUGUESA - AMOSTRA DE 2017

RESUMO

O artigo proposto tem por objetivo analisar a imagem do(a) negro(a) apresentado no livro didático de História e Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para os triênios 2017, 2018 e 2019 disponíveis para o uso no Colégio Estadual Professora Maria Helena T. Luciano, em relação aos papéis reservados à população negra brasileira e os papéis reservados aos representantes da branquitude após uma década e meia da implementação da Lei nº 10.639/03. Para a análise do Livro Didático utilizou-se o conceito de ideologia desenvolvida por Thompson (2007), com a intenção de ver em que medida o Livro Didático contempla as definições legais do artigo 26-A da LDB (modificado pela Lei nº 10.639/03), o Parecer nº 03/2004 e Resolução nº 01/2004 do CNE. A pesquisa apontou algumas rupturas, entretanto alguns estereótipos permanecem. O exemplar de Língua Portuguesa analisado apresenta mais permanência. De modo geral verificou-se a permanência de estratégias ideológicas de hierarquização entre brancos(as) e negros(as), embora alguns ganhos significativos tenham acontecido.

Palavras chave: relações raciais, livro didático, negritude, branquitude.

A IMAGEM DO(A) NEGRO(A) NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA, LÍNGUA PORTUGUESA - AMOSTRA DE 2017

RESUMO

O artigo proposto tem por objetivo analisar a imagem do(a) negro(a) apresentado no livro didático de História e Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para os triênios 2017, 2018 e 2019 disponíveis para o uso no Colégio Estadual Professora Maria Helena T. Luciano, em relação aos papéis reservados à população negra brasileira e os papéis reservados aos representantes da branquitude após uma década e meia da implementação da Lei nº 10.639/03. Para a análise do Livro Didático utilizou-se o conceito de ideologia desenvolvida por Thompson (2007), com a intenção de ver em que medida o Livro Didático contempla as definições legais do artigo 26-A da LDB (modificado pela Lei nº 10.639/03), o Parecer nº 03/2004 e Resolução nº 01/2004 do CNE, bem como, autores que discutem essa temática como Rosemberg (2015), Silva (2005), Gomes (2013) e Cardoso (2010). Com o resultado da pesquisa sobre a imagem do negro no livro didático, verificou-se algumas rupturas nas publicações, especialmente na coleção de História, pois o negro aparece em uma gama maior de imagens, com número maior de conteúdo sobre a África e seus descendentes, em situações sociais positivas lutando por direitos reconhecidos. Entretanto alguns estereótipos permanecem, no livro didático de Língua Portuguesa analisado nesta amostra apresenta mais permanência do que rupturas. De modo geral verificou-se a permanência de estratégias ideológicas de hierarquização entre brancos(as) e negros(as), embora alguns ganhos significativos tenham acontecido.

Palavras chave: relações raciais, livro didático, negritude, branquitude.

INTRODUÇÃO

A reflexão deste estudo está relacionada ao papel desempenhado pela negritude e pela branquitude nos livros didáticos de História e Língua Portuguesa, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), após uma década e meia de implementação da Lei nº 10.639/03 e, dessa forma, apresenta-se aqui a seguinte indagação: vem acontecendo mudanças nas ilustrações dos livros didáticos de História, Língua Portuguesa na década seguinte à publicação da Lei nº 10.639/03, em relação à negritude e a branquitude, motivados pelos editais do PNLD? A diversidade étnica da população brasileira e da população africana (no caso dos livros de História) é apresentada adequadamente, sem a reprodução de estereótipos? A imagem da mulher (negra e branca), do afro-brasileiro, é promovida positivamente, considerando sua participação em diferentes profissões, trabalhos e espaços de poder? Nessas publicações, as religiões de matriz africana ocupam um lugar de respeito, os quilombos são apresentados como as primeiras formas de organização política, social e econômica livres do Brasil, os artistas negros do período colonial são apresentados como os responsáveis pela magnífica obra nas cidades históricas brasileiras?

O elemento que desencadeia as indagações deste artigo é a constatação que o livro didático desempenha papel importante na formação de milhões de crianças brasileiras. Ressalta-se ainda, que em muitos municípios o livro didático é o único livro com que as crianças têm contato no período escolar. Portanto referido instrumento deveria valorizar a cultura, a religiosidade, a beleza, o trabalho e a linguagem de todos os grupos étnicos que compõe a sociedade brasileira, para então, tornar-se elemento decisivo para manter a alta estima destas crianças, contribuindo na diminuição da evasão escolar, combater os estereótipos e, sobretudo, a discriminação racial.

O Movimento Negro e alguns pesquisadores traziam em suas pautas de lutas, desde a década de 1950, uma crítica ferrenha sobre os discursos racistas em livros didáticos brasileiros. A representação dos negros em livros didáticos foi preocupação explícita do Movimento Negro Unificado, em 1979, que trazia como principal reivindicação, a mudança na educação escolar, eliminando dos livros didáticos, dos currículos e atividades escolares, os estereótipos e preconceitos contra negros (SILVA, 2008).

Fazendo parte desta mobilização, pesquisadores mais recentes, analisam a conjuntura histórica brasileira e afirmam que: o racismo brasileiro opera simultaneamente nos planos material e simbólico. A sociedade brasileira adota a ideologia da superioridade natural dos brancos, sobre negros e indígenas. O racismo no plano simbólico aparece de três formas: expressão aberta, latente ou velada. Já no plano material, negros e indígenas não têm acesso aos mesmos recursos orientados por políticas públicas que os brancos (ROSEMBERG et al., 2015).

Como fruto das lutas e reivindicações do Movimento Negro, a alteração dos artigos 26-A e 79-B da Lei nº 9394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) –, pela Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e a Resolução CNE/CP nº 1/2004, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004. A alteração da Lei nº 9394/96 foi complementada pela Lei nº 11.645/2008, para incluir no currículo oficial, a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas, pois apresentam um conjunto de dispositivos legais que abrem caminho para a concretização de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e de uma Educação das Relações Étnico-Raciais nas escolas, desencadeada a partir do novo milênio (GOMES; JESUS, 2013).

Com relação às transformações necessárias nas publicações de livros didáticos na política de distribuição do MEC, Silva (2008) tem analisado o Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) desde os anos de 1990 e, cita que o PNLD vêm operando com o processo de compra de livros por meio de editais. O autor verificou que no início dos anos 2000, tais editais apresentavam critério genérico de exclusão e tinham pouco ou nenhum efeito, devido a forma implícita dos discursos racistas. O edital de 2007 apresenta novidades no que se refere aos princípios e critérios para a avaliação do livro didático de 1ª a 4ª série. No edital de 2008 faz menção à diversidade, dando ênfase às normativas quanto a igualdade étnico-racial, menciona a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, cita textualmente a Lei nº 10.639/03.

A discussão sobre a imagem da negritude e da branquitude no livro didático de História e Língua Portuguesa ao longo dos anos, terá como ponto de partida a teoria de John Thompson. Referido autor defende que a ideologia é representada por formas simbólicas, que em determinados contextos, servem para estabelecer, sustentar relações de poder sistematicamente desiguais, relações de dominação (THOMPSON, 2007). Assim sendo, o livro didático é apresentado como formas simbólicas e, como tal contribui para fixar diferentes grupos sociais em diferentes posições sociais. Em virtude disso, grupos sociais distintos têm diferentes graus de acesso aos recursos disponíveis, sejam eles materiais ou simbólicos. Portanto, a ideologia é parte integrante da característica criativa e construtiva da vida social que é sustentada e reproduzida, contestada e transformada, através de interações que incluem a troca contínua de formas simbólicas. Destaca-se que as formas simbólicas são expressões linguísticas, gestos ações, fotografias, gravuras, obras de arte, entre outros.

É nesse cenário que a branquitude, pode perfeitamente significar “ser poder” e “estar no poder” (CARDOSO, 2010), tanto pode ser poder num sentido simbólico, quanto prático (ter acesso livre à política, a cargos de chefia, ser escolhido numa entrevista enquanto o candidato negro e preterido, ser considerado exemplo de beleza, sinônimo de humanidade, ser donos das maiores fortunas, estar representado em maior número nos cursos de maior destaque nas universidades brasileiras etc.).

Nesse contexto, o livro didático é incluído como mecanismo de comunicação de massa, portador de formas simbólicas e meio técnico capaz de difundir-las ideologicamente, isto é, quando as formas simbólicas possuem a característica de sustentar formas de dominação e poder. O poder é entendido como capacidade que alguns indivíduos possuem, socialmente ou institucionalmente para tomar decisões, conseguir seus objetivos e realizar seus interesses, sejam eles materiais ou simbólicos. Já a dominação, é compreendida quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas, ou ainda, quando grupos particulares possuem poder de maneira permanente, em grau significativo e dificultando o acesso a outros grupos (THOMPSON, 2007).

No Brasil, ter mais ou menos poder está intimamente relacionado ao que Silva (2008), classifica como “interdições aos homens de cor”, inicialmente mecanismo criado na passagem ao modelo capitalista de produção, mas que perdurou ao longo do tempo. A cor ainda regula ações discriminatórias e preconceituosas no Brasil.

Na concepção de Rosemberg et al. (2015), o racismo brasileiro não pode e não deve ser pensado exclusivamente pelo preconceito racial interpessoal. Ações governamentais podem provocar discriminação contra negros, sem que a mesma expresse preconceito contra os mesmos. Cita-se como exemplo, quando o governo reduz verba para a educação básica, mesmo que não seja uma ação específica contra negros, essa redução terá impacto na manutenção das desigualdades materiais/estruturais contra os negros. Quanto a manutenção de poder, referidos autores exemplificam os investimentos educacionais: o custo-ano para o curso superior nas universidades públicas, é dez vezes maior do que o custo-ano para a educação infantil ou ensino fundamental, isto é, o ensino público nos anos iniciais é frequentado em sua maioria por pobres e negros, enquanto o ensino público superior é frequentado preferencialmente por brancos e com boas condições financeiras.

RUPTURAS E PERMANÊNCIAS EM PUBLICAÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Livro didático de História em uso no C.E. Profª Maria Helena T. Luciano (2017)

Amostragem do livro didático de História pesquisado

Quadro 1 – Livros de História PNLD 2017, 2018, 2019 – 4. ed. reformulada

| Coleção- Autores | Editoras |
|--|----------------------------------|
| Coleção: Projeto Araribá | |
| Editora responsável: Maria Raquel Apolinário | Editora Moderna, São Paulo, 2014 |

Fonte: A autora (2018).

A coleção pesquisada, nesta amostra, é o “Projeto Araribá – História”, distribuído em 2017, PNLD 2017, 2018, 2019, produzido em São Paulo, no ano de 2014. A coleção pertence a uma obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna, tendo como editora responsável: Maria Raquel Apolinário. O primeiro livro analisado é o livro do 6º ano. Na parte introdutória, os organizadores apresentam uma série de propostas de trabalho para a série referida, tais como: gêneros textuais, tipos de textos, como produzir um texto expositivo e, como planejar uma pesquisa. Na primeira imagem referente à pesquisa, o grupo é composto por meninas e meninos, duas meninas brancas, um menino também branco e um menino pardo. Na segunda imagem, numa feira de conhecimento, com a apresentação do trabalho, a equipe é composta por três alunas, duas negras e uma parda, acompanhadas por um casal, a mulher negra e o homem branco.

Percebe-se nesta pesquisa, nesta coleção específica, que a prática discursiva identificada por Silva (2008) que os livros didáticos (das décadas de 1990 e 2000) apresentavam o negro preso a determinados temas e espaços sociais definidos, como por exemplo, as discussões a respeito de trabalho infantil, não é regra e apresenta algumas rupturas. A coleção apresenta crianças negras em espaços de estudo, empenhadas em pesquisa científicas, em situação de protagonismo, entretanto não é o que ocorre em toda a coleção, em todos os capítulos.

O livro dedicado ao 6º ano, não apresenta um grande número de imagens em seu corpo, há uma sub-representação de negros em relação ao homem branco. Tirando as imagens das primeiras páginas, o negro aparecerá de forma positiva em apenas dois momentos: primeiramente, uma mulher negra que representa a tradição de fazer panelas e, em um segundo momento, aparece dois negros numa roda de capoeira. Dois fatores negativos a serem observados neste livro: um grupo de crianças negras africanas famintas espera para receber comida numa fila, a imagem está ao lado de uma família branca norte-americana numa mesa farta; em outra imagem, um menino negro no semáforo fazendo malabares. Um fator surpreendente é que das poucas imagens de crianças que aparecem no livro, três são de crianças indígenas em situação de brincadeiras, valorizando os aspectos culturais, como a pintura no corpo, os instrumentos musicais e uma escola onde crianças indígenas aprendem a língua e costumes de seus ancestrais. O que a coleção traz de diferente é a presença da África em todos os volumes, os autores reservaram em média 25 páginas para este fim, insignificante perante a quantidade de conteúdos e páginas destinados às grandes “civilizações ocidentais” Grécia e Roma, por exemplo.

O segundo volume analisado foi o 7º ano. O livro está dividido em 9 unidades e cada unidade, contém 3 temas. Os títulos das unidades estão assim distribuídos: 1: A formação da Europa feudal; 2: Origens e expansão do islã; 3: Reino e povos da África; 4: Baixa Idade Média; 5: Renascimento e reformas religiosas; 6: Os povos pré-colombianos; 7: As grandes navegações e os portugueses na América; 8: O Nordeste colonial; 9: Espanhóis e ingleses na América. A maioria dos temas nestas unidades traz desenhos que correspondem aos assuntos trabalhados individualmente.

A unidade 3 que tem como título “Reinos e povos da África”, apresenta no tema 1, “Reinos islamizados do Sahel”. O autor mostra duas imagens: a primeira de uma cidade grande e moderna, com muitos prédios altos e, a segunda, de uma cidade com uma feira ao ar livre, com uma gama enorme de produtos coloridos à venda. Ele indaga os leitores: Você consegue identificar qual delas mostra uma cidade do continente africano? Na verdade, as duas cidades são africanas, a primeira é a Cidade do Cabo, na África do Sul e, a segunda, é a cidade de Marrakech, no Marrocos. O autor do texto explica que as pessoas têm uma visão deturpada da África e simplificadora dos povos africanos. Por isso, em um período marcado pelo desrespeito à diversidade, conhecer um pouco a história dos povos africanos é um passo importante na construção de um mundo mais justo e solidário. Referido autor fala da importância em conhecer a África pré-colonial, habitada por diferentes sociedades, com organização complexa, intensa atividade comercial e uma grande produção artística e cultural. Ilustra o tema 1 com “O Reino de Gana: a terra do ouro”; “o Império do Mali”. No tema 2, apresenta o intenso comércio caravaneiro; a rota do comércio do Saara, os produtos comercializados. O tema 3, apresenta os povos iorubas e bantos nossos ancestrais e também, o Reino do Congo. Nesta parte os autores apresentam duas fotografias positivas retratando a negritude: na primeira, crianças brincando no pátio de uma escola em Luanda (Figura 1a); na segunda, uma jovem malinesa diante de uma banca de tecidos coloridos (Figura 1b).

Figura 1 – Crianças brincando no pátio da escola (a) e jovem malinesa (b)

Fonte: Livro Projeto Araribá – História, 7º ano, p. 78

A unidade 8 tem como título: “O Nordeste colonial”. O tema 1, traz a economia açucareira. Para demonstrar o trabalho no engenho de cana-de-açúcar, os organizadores do livro preferiram mostrar o processo através de desenhos e não de imagens ou fotografias de pessoas. Algumas permanências são notadas como imagens de castigos físicos. O tema 2 intitulado “Escravidão, resistência e trocas culturais”, apresenta uma fotografia da escritora Conceição Evaristo, em palestra no lançamento do livro Olhos d’água, em 2015 (Figura 2).

Figura 2 – Conceição Evaristo, em palestra no lançamento do livro Olhos d’água

Fonte: Livro Projeto Araribá – História, 7º ano, p. 191

O mesmo capítulo aponta um trecho da música do rapper Criolo que diz “Eu tenho orgulho da minha cor.... Do meu cabelo e do meu nariz. Sou assim e sou feliz. Índio, caboclo, cafuzo, crioulo! Sou brasileiro”. Fala também em resistência, entretanto, o texto cita somente as comunidades de escravos fugidos (Quilombo de Palmares e Zumbi) em apenas um parágrafo, muito pouco tamanha a importância histórica dessa forma de resistência. Esse volume aborda ainda, algumas permanências nessa situação, onde aparece opressor e oprimido. Conforme observado nas ilustrações (Figura 3) cabe à branquitude o papel de opressor, percebe-se nas imagens castigos corporais onde o negro aparece sem voz, em condições de subumana e desprovido de dignidade. Neste sentido, Júnia (2010) salienta que a contribuição do africano à cultura brasileira é lembrada a partir da relação senhor/escravizado e o discurso se baseia em concepções historiográficas tradicionais, que mantêm o negro num passado colonial.

Figura 3 – Opressor e oprimido

Fonte: Livro Projeto Araribá – História, 7º ano, p. 193

O terceiro volume analisado foi do 9º ano. Logo nos primeiros capítulos, o assunto tratado é ação dos europeus no continente africano, no período chamado de neocolonialismo. Os autores apresentam o horror da colonização belga sobre o Congo, através de imagens onde expõe mulheres e crianças mutiladas (Figura 4). No mesmo capítulo, tem uma imagem significativa, no que diz respeito à resistência africana, é uma caricatura que representa a derrota italiana na Etiópia. A independência da Etiópia foi assegurada pela vitória do exército do rei etíope Menelik II sobre as tropas invasoras italianas, em 1906. Essa vitória assegurou à Etiópia o *status* de uma das únicas nações africanas a escapar da partilha que a África foi submetida, por nações europeia no final do século XIX e início do século XX.

Figura 4 – Mulheres e crianças mutiladas

Fonte: Livro Projeto Araribá – História, 9º ano, p. 28

No decorrer do capítulo, os autores mostram textos sobre a resistência africana à dominação imperialista, como por exemplo, a Rebelião Ashanti, uma das importantes lutas contra o imperialismo britânico que aconteceu na Costa do Ouro, atual Gana. Após a Segunda Guerra Mundial, o domínio imperialista passou a ser sistematicamente questionado. Não havia mais condições políticas para a manutenção de colônias e governos ditatoriais nestas colônias, visto que os europeus lutaram contra ditaduras dentro do seu próprio continente. Os autores relatam que a ONU fez uma intervenção sem sucesso, para encontrar a melhor forma de conceder aos africanos, autonomia política, econômica e social.

A resistência europeia ao emancipar seus territórios coloniais, serviu para intensificar e radicalizar a luta anticolonial. Durante as décadas de 1950 a 1970, a combinação de fatores internos e externos criou condições favoráveis para a conquista da independência. Não poderia deixar de fora essa imagem, uma charge denominada "Intenso outono de limpeza" do artista Gizi, de outubro de 1960. Esta imagem (Figura 5) caracteriza a grandeza da África, a confiança na sua capacidade de autodeterminação e a auto-estima elevada, demonstrando o negro africano fazendo a limpeza necessária, colocando o imperialista, branco europeu para fora do Continente africano.

Figura 5 – A confiança, autodeterminação e auto-estima do negro

Fonte: Livro Projeto Araribá- História, 9º ano, p. 186

Segue algumas imagens positivas de negros mundialmente conhecidos por suas lutas: Martin Luther King, num capítulo que fala sobre a luta das mulheres e dos negros por direitos iguais; delegados reunidos no V Congresso Pan-Africano, realizado em 1945; Aimé Césaire, como um dos principais líderes do movimento da negritude. Autores relatam que o conceito nasceu no interior de uma corrente literária dirigida pelos estudantes negros Léopold Senghor, do Senegal, Aimé Césaire, da Martinica, e Léon Damas, da Guiana Francesa. Jovens francófonos que estudavam em Paris, descobriram uma identidade negra africana reprimida pelo racismo e pela dominação colonial. Movidos por essa consciência, fundaram em 1934, em Paris, um jornal para ser o porta-voz da cultura e da identidade negra, sufocada pela cultura do colonizador francês.

Figura 6 – Negros mundialmente conhecidos por suas lutas

Fonte: Livro Projeto Araribá – História, 9º ano, p. 188

No capítulo cujo tema é "O fim do império português na África", a imagem do cabo verdiano Amílcar Cabral, um dos principais líderes do movimento de independência da Guiné Portuguesa e Cabo Verde, 1950; Nelson Mandela, líder da África do Sul; estudantes negros numa manifestação pela independência de Timor Leste; Nelson Mandela e Desmond Tuto, em 1994, como presidente sul africano. Neste livro, os organizadores repetem a imagem da fome de crianças africanas do Sudão, num capítulo sobre "Os desafios da alimentação no mundo globalizado" e, "Um massacre de um vilarejo na Nigéria", promovido pelo grupo fundamentalista islâmico Boko Haran, em 2015.

Livro didático de Língua Portuguesa em uso no C.E. Profª Maria H.T. Luciano (2017)

Amostragem do livro didático de Comunicação e Expressão pesquisado

Quadro 2 – Livros de Língua Portuguesa PNL D 2017, 2018, 2019. 9. ed. reformulada

| Coleção- Autores | Editores |
|--|----------------------------------|
| Coleção: Português Linguagens | |
| Autores: William Cereja e Thereza Cochar | Editora Saraiva, São Paulo, 2015 |

Fonte: A autora (2018).

A coleção de língua portuguesa analisada (PNLD 2017), foi organizado por William Cereja e Thereza Cochar, produzido pela Editora Saraiva, São Paulo, 2015. O volume analisado foi do 9º ano e está dividido em 4 unidades, cada uma têm em média 3 capítulos. A unidade 1 traz no capítulo 1, o tema: "O registro de mim mesmo"; no capítulo 2: "Posto... logo existo"; no capítulo 3: "Eu: entre o real e o ideal". Nesta unidade constam 66 páginas, com imagens, fotografias e textos; são 26 fotografias de pessoas brancas e 2 de pessoas negras. A primeira imagem da

negritude é de uma mulher que ilustra um texto sobre discurso citado em texto jornalístico, mas ela não é protagonista, é apenas uma imagem ilustrativa; a segunda imagem é de Gilberto Gil em 1968, como protagonista da Tropicália, num texto muito curto de chamada para uma pesquisa.

O tema da unidade 2 é “Amor”. O capítulo 1 faz um recorte sobre o primeiro amor; o capítulo 2, cita que amar não tem idade; e, o capítulo 3 retrata o verdadeiro presente. Esta unidade divide-se em 50 páginas, com 22 fotografias de pessoas brancas e em uma das fotografias, tem uma criança negra e a fotografia de Machado de Assis; as outras imagens são caricaturas humanas, todas com pessoas brancas, cabelos loiros ou avermelhados, excetuando uma boneca de argila de um aparador. Nesta unidade além da sub-representação, a negritude não tem lugar nas discussões do primeiro amor, não tem lugar para o amor maduro e nem lugar nas comemorações, congaçamentos, dia das mães. Enfim, os textos retratam que o melhor presente não é o presente material, mas sim a afetividade, a amizade, o companheirismo e mesmo assim, não tem lugar para o negro nesta forma de celebração.

A unidade 3 traz o tema: “Ser jovem” e está assim distribuída: capítulo 1: O brilho do consumo; capítulo 2: Ser jovem é; capítulo 3: De frente para a vida. Esta unidade é composta por 66 páginas, na abertura da unidade tem 3 imagens de jovens bem vestidos, alegres, com instrumentos musicais e todos eles são brancos. No decorrer dos capítulos aparecem 34 fotografias de pessoas brancas; uma com uma jovem negra num grupo e outra fotografia de uma repórter negra. A impressão ao analisar esta unidade, foi de um “não lugar” para o jovem negro; ele não aparece como consumidor no primeiro capítulo; é sub-representado como protagonista de sua própria existência no capítulo 2; é novamente sub-representado no capítulo do protagonismo jovem, a chegada dos 15 anos.

O tema da unidade 4 é “Nosso tempo” e está assim dividida: capítulo 1: Mais louco é quem me diz; capítulo 2: O igual que é diferente; o capítulo 3: Ciranda da indiferença. São reservadas 66 páginas para o desenvolvimento destes temas. O capítulo apresenta poucas fotografias, onze são de pessoas brancas e três são de pessoas negras. Quanto às caricaturas ou desenhos de pessoas: 30 estão representando a branquitude e, apenas 4 retratam a negritude. Nesta última unidade, aparece uma criança vendendo balas no semáforo e ela é branca. Não têm imagens depreciativas no negro, entretanto, ele está ausente como protagonista da maioria dos temas trabalhados na unidade e no conjunto das unidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleção de História analisada em 2017, “Projeto Araribá”, apresenta avanços, algumas permanências, pode-se dizer que os organizadores da coleção deram um passo além, em relação a outras coleções de anos anteriores, procuraram cumprir minimamente com as determinações da Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) e da Resolução CNE/CP1/2004, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), tentaram em cada um dos volumes apresentar a História da África contextualizada com a história universal. O volume do 9º ano apresenta uma variedade grande de imagens positivas do negro africano e muitos textos importantes sobre a história do continente nos diferentes períodos históricos.

No que diz respeito à história do Brasil, a coleção deixa muito a desejar. Tenho que concordar com Triunfo (1987), onde expressa não ser possível encontrar um livro didático de história (nos volumes que contemplam a história do Brasil) que mostre os quilombos como organização política, social e econômica; um livro que mostre o valor dos artistas negros coloniais; um livro didático que saliente que Ouro Preto, considerada pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade, conquistou esse título graças à participação de negros e mestiços na gigantesca obra de arte que é a cidade. Concordo com Cardoso (2010) que a branquitude ainda ocupa a maioria dos lugares de prestígio e, ainda aparece como norma de humanidade.

O livro de língua portuguesa analisado em 2017, “Português Linguagens”, prefere ignorar as determinações da Lei nº 10.639/03, pois traz um número desproporcional de imagens da branquitude em relação às imagens da negritude, não traz imagens depreciativas nem positivas do negro, ou seja, o negro está ausente em todos os temas debatidos nos volumes, em apenas uma página o autor fala sobre diversidade e diferença.

O autor da coleção de Língua Portuguesa repete o problema identificado por Costa (2007) em suas pesquisas, nega-se ao negro o direito à imagem positiva, promovendo um genocídio simbólico do negro através da naturalização de sua ausência no imaginário social, da sua desvalorização como promotor de novas formas de vida, religiosidades e manifestações culturais.

Por fim, as formas simbólicas apresentadas pelos livros didáticos, apresentam rupturas, particularmente na coleção de História. Na coleção de Língua Portuguesa as imagens e textos estão ainda nesta amostra a serviço da manutenção e sustentação das relações de poder sistematicamente desiguais, determinando o lugar de cada grupo na escala social, portanto, ideológicas, porque atuam neste contexto específico, para manter relações de desigualdade no acesso aos bens materiais e simbólicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003.** Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, 2003.

BRASIL. **Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004.** Institui diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2018.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Rev. Latinoam. Cienc. Soc. Niñez**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.Lourenco_Cardoso.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2018.

COSTA, Candida Soares da. **O negro no livro didático da língua portuguesa** imagens e percepções de alunos e professores. Cuiabá: Edo, 2007.

GOMES, N.L.; JESUS, R.E. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, UFPR, Paraná, n. 47, 2013.

JÚNIA, Elisabeth Rosa Dias. **Discursos sobre relações raciais em livros didáticos de Português para séries iniciais do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ROSEMBERG, F. et al. **Algumas questões para o debate sobre o estatuto da igualdade racial e a ação afirmativa**. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em livros de língua portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa**. Tese (Doutorado) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

TRIUMPHO, Vera Regina Santos. O negro no livro didático e a prática dos agentes de Pastoral Negra. **Caderno de Pesquisa**, n. 63, p. 93-95, 1987. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1281>> Acesso em: 10 abr. 2018.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2007.